

Estrutura e Dinâmica Familiar de Pessoas com Deficiência Intelectual

Júlia Ribeiro Portella Nunes¹

Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke²

Jonas Carvalho e Silva³

Christoph de Oliveira Käßler⁴

Resumo

O presente estudo teve o objetivo de explorar a estrutura e a dinâmica de famílias com um filho com deficiência intelectual. Foi utilizada a metodologia qualitativa, a partir do estudo de casos múltiplos, de cinco famílias residentes no Distrito Federal, com análise descritiva e exploratória de entrevistas semiestruturadas para a construção de genogramas, ecomapas, e o ciclo de vital das famílias. Os resultados apresentaram a estrutura e dinâmica familiar através dos dados sociodemográficos, das expectativas atuais e futuras, estratégias de enfrentamento e do ciclo vital. Sugere-se o conhecimento de estratégias familiares adequadas para a transição futura de cuidados no contexto da deficiência intelectual.

Palavras-chave: estrutura familiar, dinâmica familiar, deficiência intelectual

Family Structure and Dynamics of People with Intellectual Disabilities

Abstract

This study aimed at exploring the structure and dynamics of families with a child with intellectual disabilities. The qualitative methodology was used, based on the study of multiple cases, of five families living in the Federal District, with descriptive and exploratory analysis of semi-structured interviews for the construction of genograms, ecomapas, and the life cycle of the families. The results presented the family structure and dynamics through sociodemographic data, current and future expectations, coping strategies and life cycle. It is suggested the knowledge of adequate family strategies for the future transition of care in the context of intellectual disability.

Keywords: family structure, family dynamics, intellectual disability

Introdução

¹ Graduanda em Psicologia no UniCEUB. Bolsa PIC-UniCEUB, Brasília, Brasil.

² Doutora em Psicologia pela Universidade Católica de Louvain. Bolsa de produtividade do CNPq. Professora Emérita da Universidade de Brasília. Professora do UniCEUB, Brasília Brasil.

³ Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. *German Chancellor Fellow* pela Fundação Alexander von Humboldt na Faculdade de Ciências da Reabilitação da Universidade Técnica de Dortmund, Alemanha.

⁴ Doutor em Psicologia pela Universidade de Freiburg. Professor Titular na Faculdade de Reabilitação da Universidade Técnica de Dortmund, Alemanha.

A deficiência intelectual (DI)   caracterizada por limita es nas habilidades mentais, como a inteligência, o raciocínio lógico, resolu o de problemas, planejamentos, memória, entre outros  mbitos cognitivos. Ela influencia o comportamento adaptativo da pessoa nas práticas sociais e na realiza o de tarefas simples (Floyd, et al., 2016). Segundo os dados oficiais sobre a popula o brasileira, 6,2% tem algum tipo de deficiência (Brasil, 2018). Desses, 0,8% tem algum tipo de DI, sendo que a maioria, 0,5%, nasceu com a limita o. Mais da metade, 54,8%, apresenta o grau intenso ou muito intenso, e cerca de 30% frequentam serviços de reabilita o em saúde.

Contudo, as pessoas com DI possuem uma família, e frente a isso,   importante conhecer a constru o da rede de cuidado dela, já que uma das características desse tipo de deficiência está na dificuldade de comunica o e na intera o social, que podem ser vivenciadas no ambiente familiar (Cezar & Smeha, 2016). Compreender a estrutura e a dinâmica de uma família que tenha um membro deficiente,   um processo significativo, pois identifica os sentimentos de ambiguidade que existem nesse meio e o que leva os membros a permanecerem unidos (Loureto & Moreno, 2016).

Além disso, o estudo da estrutura o e dinâmica familiar   importante porque permite o conhecimento de eventos estressores vivenciados, as formas de intera o e supera o na perspectiva individual, grupal e transgeracional (Bucher-Maluschke & Carvalho e Silva, 2018). Os valores, as crenças, os papeis, as fronteiras, os segredos, as memórias permeiam as gera es, que são delegados e percebidos a partir das psicodinâmicas que governam a família e seus processos de transmissão. (McGoldrick, 2012).

As institui es que acolhem pessoas com deficiências, em muitas situa es, são encarregadas de prover a assistência e o cuidado na ausência das fun es parentais (Gant & Bates, 2019). Todavia, no Brasil, essa disponibilidade não tem sido alcançada, provocando o exercício dessa fun o pelos pais, irmãos, outros familiares e/ou pessoas próximas (Bucher-Maluschke & Parreira, 2017). Os serviços para as pessoas com DI, demandam o aprofundamento sobre as histórias de vida das famílias, o acompanhamento psicossocial dos cuidadores, e o empoderamento dos membros (Deville, et al., 2019).

Diante do exposto, questiona-se: Como a deficiência influencia na composi o da família e na organiza o de seus subsistemas? O objetivo deste estudo de casos múltiplos   explorar a estrutura e a dinâmica familiar, quando há um filho com DI. Supõe-se que as expectativas atuais e futuras da família sobre o cuidado e as rotinas familiares possibilitam a formula o de estratégias, que se caracterizam no desenvolvimento do filho com deficiência.

Referencial Teórico

Em consequência dos avanços sociais e de direitos da pessoa com deficiência, Ponce (2007) alude a importância de se expandir a compreensão da família, no intuito de que não fique restrito apenas aos pais e filhos.   significativo que todos os membros se tornem ativos, porque assim o sistema familiar disporá das informa es necessárias, que permitirão expandir as possibilidades de suporte nos momentos de necessidade.

Conforme a psicologia sist mica, a família   um grupo natural que tem uma estrutura formada a partir dos padrões de intera o nos relacionamentos afetivos, sociais e cognitivos, estabelecidos entre os seus membros (Yamashiro & Matsukura, 2017). Para Ponce (2007), trata-se de um sistema de relacionamentos, onde o que acontece com cada membro, reverbera nos demais e nas suas rela es interpessoais. Para compreender a estrutura e a dinâmica de uma família,   necessário que se tenha uma percep o integral.

Nessa lógica, o papel do ambiente familiar tem uma fun o mediadora, por ser considerado um dos primeiros espaços de socializa o do indivíduo (Lima, 2018). Ele intermedia os modelos e as influências culturais, na intera o do indivíduo para a forma o de modelos próprios de rela o interpessoal (entre os seus membros), de constru o individual (do sujeito com o sujeito), e coletiva (do sujeito com a sociedade).

De acordo com Bucher-Maluschke, et al., (2011), a família tem uma estrutura denominada por nuclear (pais e filhos) e/ou extensa (e.g. avós, tios e primos). As diferentes composi es familiares provocam transforma es nas rela es familiares e nos papéis desempenhados pelos seus membros (Lima, 2018). Dentro dessas rela es, há níveis constituídos por vários subsistemas (e.g. marido-esposa, irmãos-irmãos, pais-filhos) (Matsukura & Yamashiro, 2012; Yamashiro & Matsukura, 2017).

Tomaz (2017) aborda a importância da estrutura e dinâmica familiar, em sua dimensão sist mica. A qualidade de vida do indivíduo está correlacionada   sua estrutura familiar, com os seus padrões de comunica o, intera o familiar, e a hierarquia presente nessa rela o. No entanto, há três aspectos que são primordiais, que interferem na dinâmica familiar, e são considerados moduladores do funcionamento e na adapta o às diferentes situa es. Eles são os recursos disponíveis, a habilidade de comunica o, e a sobrecarga de dificuldades, que toda família tem.

Outra condi o que implica mudanças no sistema familiar,   quando há o nascimento de um filho, porque provoca uma adequa o da família para aderir aquele novo membro. No caso em que esse novo filho demonstra um quadro de DI, suscita-se nos pais sentimentos de medo e de d vida sobre os cuidados e o futuro desse novo filho (Bucher-Maluschke, et al., 2011; Bucher-Maluschke & Parreira, 2017).

Nu es (2011) aborda, nesse contexto, a ruptura da rede de desejos e de esperanças de um filho de desenvolvimento t pico, para um filho com DI, que se resulta em um luto, onde cada família vivencia de maneira singular. Essa como o que ocorre nas famílias, para Bucher-Maluschke, et al., (2011), pode provocar tanto uma intensa ansiedade e frustra o, que leva a uma desestabiliza o, quanto um fortalecimento das rela es familiares. As famílias mais resilientes, por exemplo, conseguem lidar melhor com esse tipo de situa o (Alves & Serralha, 2019).

De acordo com Aldrigue, et al., (2015), a comunica o entre os membros da família, no quesito de planejar a condu o dos projetos de vida da pessoa com deficiência, em consonância com os seus desejos, promove a autonomia. Portanto, alguns fatores podem influenciar a rela o familiar, como as exigências e os desafios do cuidado com o filho com deficiência, a compreensão familiar sobre o diagnóstico e as estratégias de enfrentamento (Pereira-Silva, et al., 2017).

Uma preocupa o apontada pelos pais,   a questão do envelhecimento do filho deficiente após a sua morte. De acordo com Gimenes e Denari (2019), atualmente   maior o número de pessoas com DI

vivendo na velhice, em razão das transforma es sociais em rela o ao diagnóstico e ao tratamento. O aumento da visibilidade, das possibilidades de participa o social e da oferta de atendimento nas áreas sociais, educacionais e médicas promovem o prolongamento da vida das pessoas.

Nesse sentido, Santos e Pereira-Martins (2016) identificaram que as famílias tendem a manejar as dificuldades por meio de algumas estratégias de enfrentamento básicas: 1) focalizadas no problema; 2) focalizadas na emo o (esquiva ou nega o); 3) relacionadas às práticas religiosas (ou pensamentos fantasiosos); 4) busca ao apoio social.

Nota-se a necessidade de conhecer a dinâmica e a estrutura o familiar, que exercem uma certa influência perante   integra o social da pessoa com deficiência (Bucher-Maluschke, et al., 2011; Bucher-Maluschke & Parreira, 2017). Quando as famílias se estruturam em dinâmicas, que se organizam para além da incapacidade, o indivíduo e suas as rela es sociais se desenvolvem de maneira mais natural. Caso contrário, o filho recebe um tratamento injusto em rela o aos outros membros, prejudicando os níveis de intera o (Glat, 1996).

Metodologia

Esta   uma pesquisa qualitativa baseada em um estudo de casos múltiplos, que   um método específico da pesquisa de campo para compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores (Creswell, 2013).

Participantes

Cinco famílias com um filho ou filha com DI residentes do Distrito Federal (DF), Brasília, Brasil. Foram incluídas aquelas que aceitassem participar voluntariamente da pesquisa. Os critérios de exclusão foram famílias nas quais o filho com deficiência não habitasse com algum membro, famílias com filho único, e filhos com deficiência física.

Instrumentos

Entrevista semiestruturada para a constru o de genogramas, ecomapas e o ciclo vital. O roteiro era composto, em uma primeira parte, com questões fechadas para a identifica o das informa es sociodemográficas, sendo elas: renda; região de origem, idade, religião, escolaridade, profissão, histórico de saúde. A segunda parte continha perguntas abertas sobre aspectos da gravidez e do nascimento do filho deficiente, informa o recebida e rea o ao diagnóstico deficiência, rela o dos irmãos, dos pais com os filhos, do casal e expectativas para o futuro.

O Genograma permite diagramar as rela es familiares, compreender as suas estruturas e dinâmicas, e analisar padrões de comportamentos que podem ter sido passados ao longo das gera es (McGoldrick, 2012). Algumas orienta es básicas para a linguagem do genograma,   que os homens foram representados por quadrados, as mulheres por círculo, e a família   ligada por linhas que representam as liga es biológicas, emocionais ou legais entre os membros. O Ecomapa identifica as liga es da família com o meio social e representa as rela es do indivíduo ou da família com a rede de suporte disponível no campo da a o comunitária. Para se obter essa representa o,   preciso

identificar a força de liga o, podendo ser: muito superficial (1 linha), superficial (2 linhas), moderado (3 linhas), e forte (4 linhas) (Bucher-Maluschke & Carvalho e Silva, 2018). O Ciclo Vital auxilia na compreensão anterior e posterior dos processos vivenciados pelas famílias. Ele permite entender a trajetória da família perante situa es inusitadas, e o seu movimento em situa es difíceis, já que o desenvolvimento da vida   dinâmico e versátil (Bucher-Maluschke & Carvalho e Silva, 2018).

Procedimentos

Coleta

Os participantes foram recrutados a partir da técnica do *Snowball*, que consiste em uma técnica de amostragem em que os sujeitos do estudo recrutam futuros sujeitos entre os seus conhecidos (Creswell, 2013). A primeira família foi selecionada a partir de um banco de dados dos usuários da Associa o de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). As entrevistas foram realizadas em uma sala silenciosa e fechada e sem abertura para a possibilidade de interferências externas, na sede da APAE. No primeiro contato foi apresentado o objetivo da pesquisa e as medidas  ticas adotadas. Após a explica o sobre o trabalho, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado, e posteriormente, a realiza o da entrevista semiestruturada e a sua grava o. Ocorreram dois encontros com cada família, com dura o de duas horas.

Análise de Dados

Foram adotados os seis passos para a análise de dados na pesquisa qualitativa propostos por Creswell (2013): passo um, organiza o do material coletado, transcri o das entrevistas, e prepara o das fontes de informa o; passo dois, leitura do material, capta o das informa es gerais, reflexão sobre a ideia geral transmitida; passo tr s, codifica o dos dados; passo quatro, descri o do processo de codifica o e apresenta o detalhada das informa es; passo cinco, descri o dos temas elaborados dentro do trabalho; passo seis, interpreta o dos dados.

A estrutura e a dinâmica familiar, bem como as rela es evidenciadas entre os membros, foram diagramadas através da constru o dos genogramas e dos ecomapas, que foram produzidos com os participantes, durante as entrevistas semiestruturadas, e com o auxílio da ferramenta GenoPRO. No que concerne aos resultados da elabora o do ciclo vital, foram analisados os eventos anteriores e posteriores do nascimento do membro com DI.

 tica na Pesquisa

Os casos apresentados nesse estudo foram extraídos do banco de dados do projeto "Estrutura e dinâmica familiar de um filho com deficiência intelectual e repercussões na fratria", que foi encaminhado e aprovado pelo Comit  de  tica em pesquisa com seres humanos do UniCEUB, sob o registro: CAAE:00259018.0.0000.0023 e o Parecer n  3.023.674, seguindo as normas da resolu o n  466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata da  tica em pesquisa com seres humanos, conforme constou no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi garantido o sigilo da identidade dos participantes.

Resultados

Perfil das Famílias

A Família 1   composta pela mãe Ana (52 anos), de Manaus, pelo pai André (51 anos), de Goiânia, pelo filho mais velho Alexandre (24 anos), e pela filha mais nova Aline (18 anos), nascidos em Brasília. Os pais possuem ensino superior, Aline está cursando o ensino médio e Alexandre o ensino fundamental. André   servidor público federal e Ana   do lar, com renda familiar em torno de 14 salários-mínimos. A família   católica. Alexandre tem o diagnóstico de autismo.

A família 2   composta pela mãe Bianca (55 anos), de São Paulo, pelo pai Bernardo (58 anos), de Goiânia, pelo filho mais velho Breno (27 anos), pelo filha do meio Bárbara (25 anos), e pelo filho mais novo Bruno (24 anos), nascidos em Brasília. Os pais e o Breno possuem ensino superior. Bernardo   engenheiro agrônomo e Bianca   do lar, com renda familiar em torno de 28 salários-mínimos. Bianca, Bárbara e Bruno são católicos, enquanto os demais se consideram ateus. Bárbara possui um diagnóstico não conclusivo de DI.

A família 3   composta pela mãe Carla (63 anos), de Fortaleza, pelo pai Carlos (56 anos), pela filha mais velha Cláudia (28 anos), e pela filha mais nova Cíntia (24 anos), ambos de Brasília. Carlos e Cláudia possuem ensino superior, a mãe possui o curso técnico de enfermagem e Cíntia está no ensino fundamental. Carlos trabalha com contabilidade, enquanto Carla   aposentada e do lar, com renda familiar em torno de 8 salários mínimos. Mãe e filhas são evangélicas e o pai   católico. Cíntia possui o diagnóstico de Síndrome de Down.

A família 4   composta pela mãe Daiane (70 anos), do Goiás, pelo pai Diogo (79 anos), de São Paulo, pela filha mais velha Débora (37 anos), e pelo filho mais novo Daniel (30 anos), nascidos em Brasília. Os pais e a irmã possuem ensino superior, enquanto o Daniel está no ensino fundamental. Diogo   professor e Daiane   aposentada e do lar, com renda familiar em torno de 19 salários mínimos. A família   católica. Daniel possui o diagnóstico de Síndrome de Down e   diab tico.

A família 5 que   composta pela mãe Eduarda (34 anos), de São Paulo, pelo pai Eduardo (48 anos), de Minas Gerais, pelo filho mais velho Estevan (seis anos), pela filha do meio Eliana (três anos), e pela filha mais nova Estefani (dois anos). Os pais possuem ensino superior e os filhos estão no ensino fundamental. O pai   microempresário e a mãe   do lar, com renda mensal em torno de 9 salários-mínimos. A família   adventista. Estevan possui o diagnóstico de Autismo e Eliana   suspeita de possuir Síndrome de Asperger.

Genograma

O genograma identificou, na família 1, rela es de conflito e harmonia entre os irmãos. A mãe relatou a rela o fraternal harmoniosa dos filhos quando eram crianças, pois tinham mais tempo e contato um com o outro. Agora, na fase da adolescência, observou-se a discussão entre os irmãos e um distanciamento provocado pelas atividades de rotinas diferentes. A família nuclear, nos momentos de necessidades, conta com o suporte da família parterna, cujo os membros moram no DF. Mesmo não havendo a distância física, há uma distância emocional. Em rela o a família materna, não há

suporte nas atividades de rotina, pois moram em Manaus. Porém, de acordo com a mãe, o contato com a sua família extensa   frequente, e eles sabem o que acontece com a família núcleo, sinalizando harmonia na dinâmica com esses parentes.

A partir da diagrama o da família 2 foi perceptível a boa intera o na rede familiar, entre a família nuclear e a família extensa. A figura 1 apresenta a harmonia nessas rela es, sem a ocorrência de conflitos internos que fossem significativamente importantes.

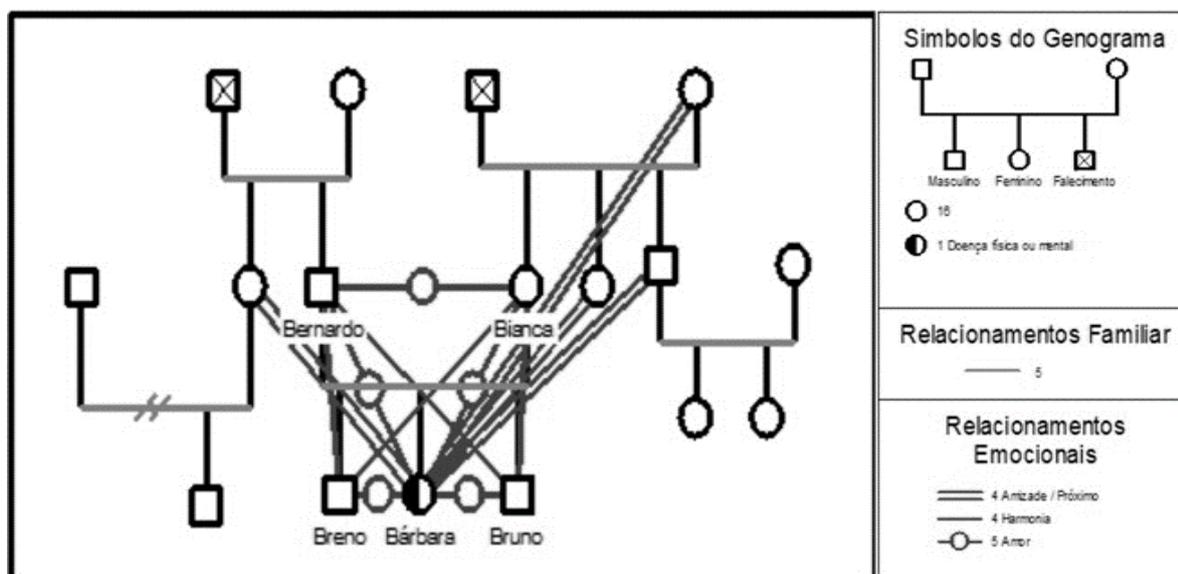


Figura 1. Genograma da família 2.

A Família 3 apresentou nas suas rela es intrafamiliares, sentimentos de amor, amizade, e conflito. Ela se organiza mais nas rela es da família nuclear, do que com a família extensa. As intera es entre os pais e as filhas foram demonstradas de maneira diferenciada, haja visto que a rela o deles com a filha com DI   de mais amor, enquanto com a filha de desenvolvimento t pico tem uma rela o de mais harmonia. A mãe lembrou as orienta es do médico no momento do diagnóstico, que foram a transmissão de muito amor e a realiza o de exercícios de estimula o. Nesse mesmo período, Cláudia adoeceu por ciúmes diante dessa rela o. Segundo a mãe, as atitudes dela com a filha com DI provocou um conflito, uma vez que a irmã não necessitava daqueles cuidados específicos para o seu desenvolvimento.

O genograma da família 4 evidenciou que a rela o intrafamiliar   boa entre os seus membros da família nuclear e extensa. Cabe acentuar que mesmo com uma intera o harmoniosa, as informa es levantadas, demonstraram que a dinâmica dela   centralizada, essencialmente restrita a família nuclear, na questão de resolu o de conflitos, sem expor necessidades ou demandas para a família extensa.

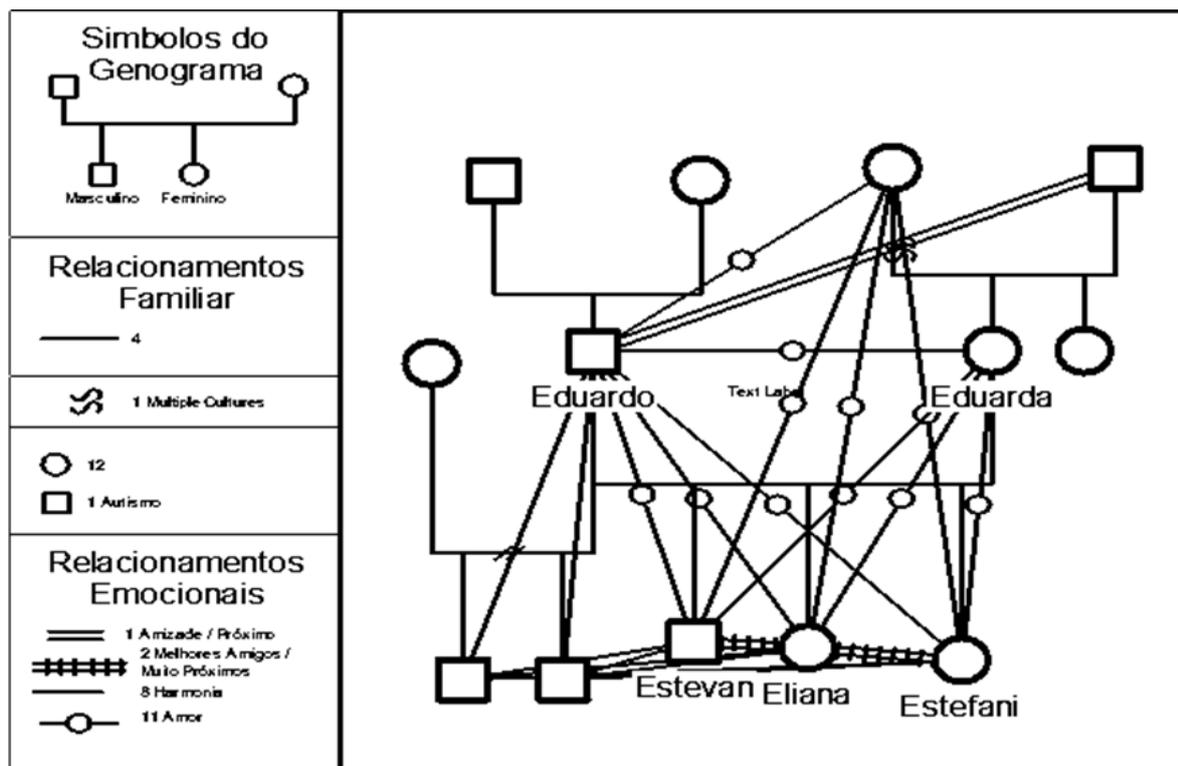


Figura 2. Genograma da família 5.

O genograma da família 5 (fig. 2) verificou rela es harmoniosas entre os membros da família nuclear e extensa. Há uma aproxima ao da família materna com os membros da família nuclear, e uma distância emocional com a família paterna. O motivo para esse distanciamento   o afastamento físico dos avós por morarem em outro lugar, e o divórcio do primeiro casamento do pai. Devido a ausência de apoio familiar do lado paterno, há uma liga ao maior com a família materna, com a possibilidade de obterem suporte.

Ecomapa

Em rela ao a família 1, a demonstraçao do ecomapa do filho Alexandre ressaltou que mesmo diante do diagnóstico, a determina ao que os pais estabeleceram em procurar desenvolvê-lo, favoreceu a independência do membro. Alexandre participa de diferentes atividades, das quais em algumas possui vínculos, mais fortes, e em outras mais superficiais. Mas há um envolvimento com o meio externo, que não o incomoda.

A representa ao da família 2 demonstrou a rela ao da Bárbara com o meio externo, não havendo vínculos superficiais dela com esses ambientes. Bárbara apresentou vínculos fortes com a família e a escola, conforme a fala do pai na entrevista:

Eu acho que grande parte hoje da socializa ao do desenvolvimento da Bárbara foi que ela se identifica no grupo e onde ela evolui com esse grupo. Acho que isso, cria nela uma identifica ao igual os irmãos tendo amizade, ela tem as amizades dela que tem o envolvimento dentro desse processo, com isso eu acho que ela conseguiu evoluir, se identificar para melhorar [sic] (Participante Bernardo).

A representa o das rela es de Cíntia (Família 3) exaltou que ela não mant m vínculos superficiais com as atividades rotineiras nem com os ambientes que frequenta. Segundo a mãe, a Cíntia   uma menina esperta e já aprendeu muitas coisas, devido aos estímulos provocados por ela.

Antigamente a Cíntia participava de desfiles de moda. No entanto, ela deixou de participar dos desfiles, que era algo que ela gostava muito, porque as meninas de desenvolvimento t pico ao seu redor a encaravam de forma diferente. Isso a fez sentir vergonha, discrimina o, e assim, ela deixou a passarela por causa da intolerância social expressa de forma intensa, nesse momento da vida dela [sic] (Participante Carla).

Mesmo a mãe oferecendo apoio a filha, ela deixou de participar dos desfiles devido a repressão e o inc modo sentido pelas pessoas. A mãe a inseriu em outras atividades, para incentivá-la a fazer atividades que gosta, como a dança, por exemplo (fig.3).

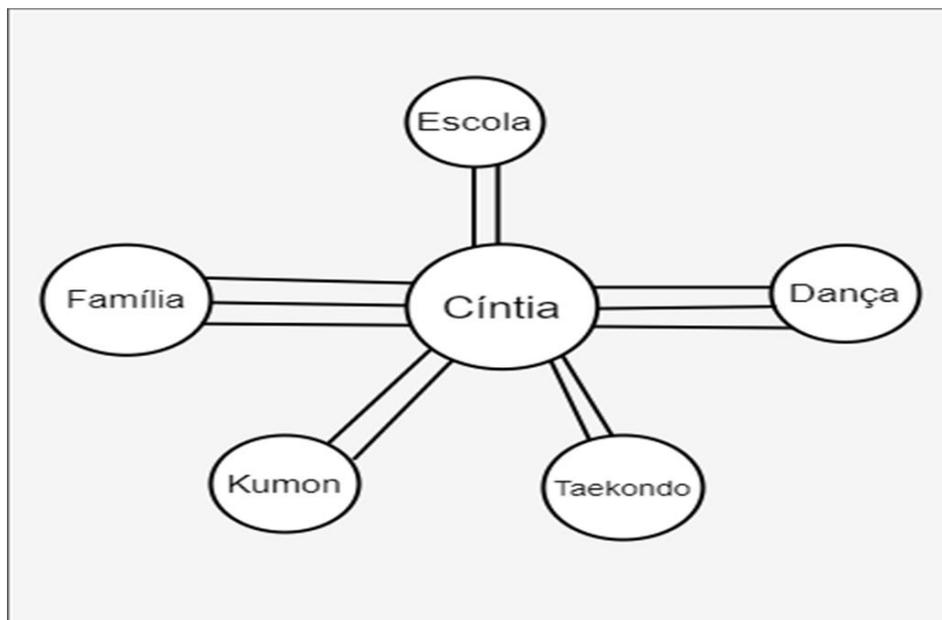


Figura 3. Ecomapa da família 3.

O ecomapa da família 4 (fig. 4) demonstrou que não há vínculo superficial dele com o meio na sua rotina. Uma das estruturas de vínculo forte com o Daniel foi a Igreja, tendo sido a religiosidade um recurso, que ajudou de forma estratégica os pais, após a chegada de Daniel   família. A religião foi uma base de apoio que promoveu a sensa o de prote o e força para a família lidar com o enfrentamento da realidade, que até então era nova para eles.

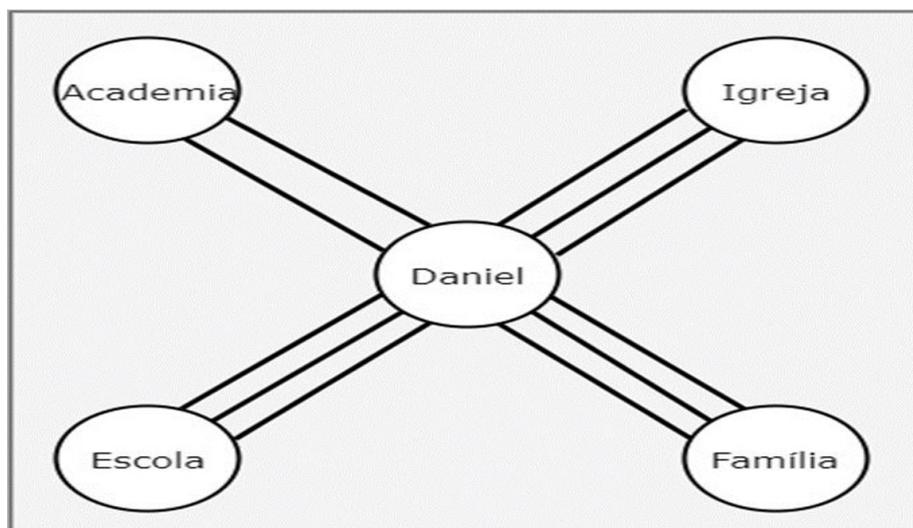


Figura 4. Ecomapa da família 4.

As representa es dos vínculos mais significativos da família 5 indicaram as mudanças nos comportamentos dos pais em rela o as possibilidades de intera o com Estevam. A importância do contato familiar aumentou os níveis de comunica o entre os membros, reduzindo as dificuldades de intera o com o filho com DI. Devido a esse cuidado, a rela o entre eles se expandiu para a família extensa e a escola.

No passado houve um momento em que ele teve um comportamento retraído e que buscava ficar isolado diante das outras pessoas da família. Mas também, a Eduarda (mãe), trabalhava dentro da área da saúde, e por causa disso tinha o mesmo discurso reforçador com a gente em casa, sobre a importância da família na apredizagem dele [sic] (Participante Eduardo).

Ciclo Vital

O ciclo vital da família 1 (fig. 5), apresentou os eventos considerados importantes, ao longo da experiência de vida com o filho com DI, perante os desafios, ou os eventos inusitados expostos na entrevista. A família tem o costume de se estabelecer em diferentes lugares para viver por muito tempo, mesmo que o fator motivador para essas migra es seja o trabalho. A chegada de Alexandre provocou adequa es nesse aspecto da dinâmica familiar. Os eventos migratórios e as transforma es da rede familiar influenciaram na forma em que o Alexandre se socializa com o mundo, apesar da rigidez do seu diagnóstico.

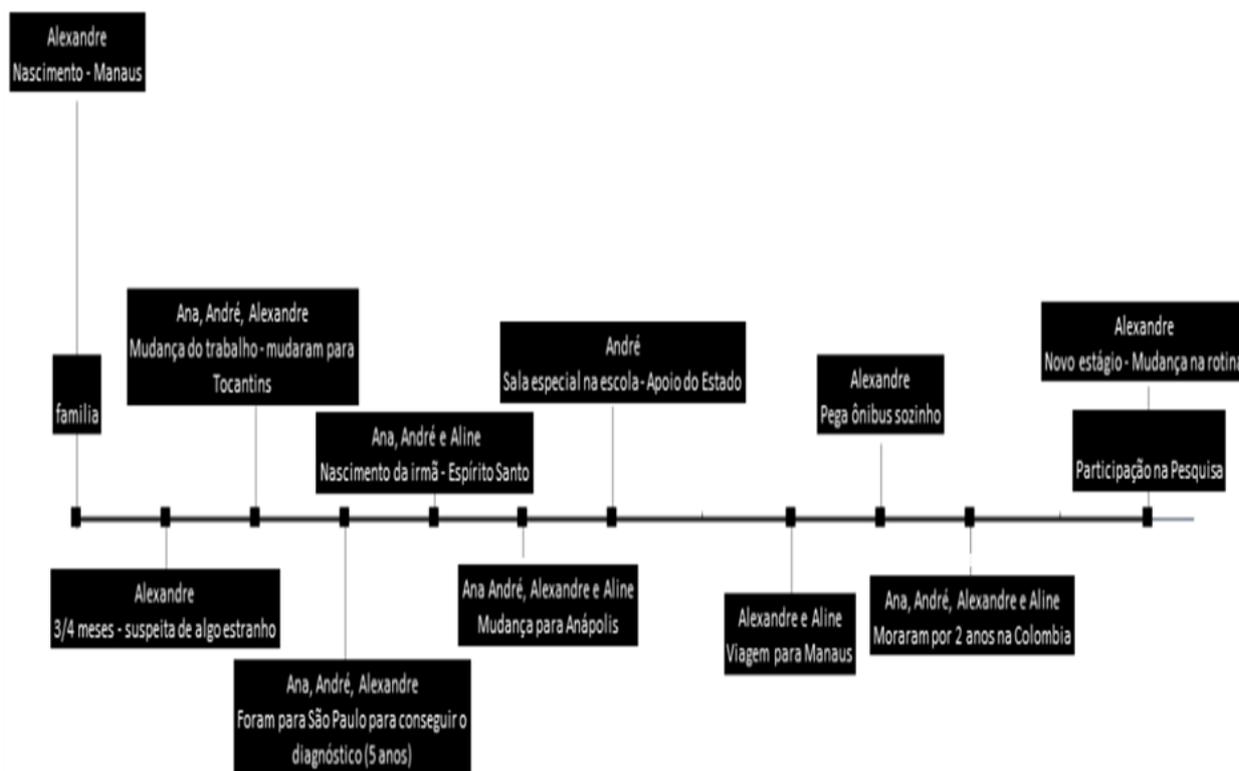


Figura 5. Ciclo vital da família 1.

Outro evento relevante, foi a dificuldade vivenciada pela família para a obtenção do diagnóstico de Alexandre, devido a falta de informação que se tinha a respeito dessa deficiência na época. Neste caso a dificuldade não foi tanto o recebimento, mas o triunfo da descoberta, para poder dar início ao tratamento adequado depois de anos de procura. Nota-se que as estratégias de enfrentamento nos eventos adversos são as focalizadas no problema e na busca de apoio social.

O ciclo vital da família 2, apontou que a mãe ficou encarregada do cuidado com a filha já em eventos iniciais, tendo que conciliar com as jornadas de trabalho. Outro aspecto da dinâmica desta família foi o desenvolvimento de estratégias focalizadas no problema no momento da descoberta da deficiência. Os pais reagiram como um desafio que a vida colocou no caminho deles a ser solucionado.

O ciclo de vida da família 3, retratou que após o nascimento de Cíntia, a mãe Carla precisou abrir mão de um dos dois trabalhos que possuía, pois necessitou de mais tempo para cuidar da filha, reforçando o dado semelhante da família 2. A mãe é a responsável por acompanhar a filha em todas as consultas médicas, tratamentos, além dos cuidados de rotina. Outra situação nesta família, que demonstra esse mesmo movimento nas relações de gênero na estrutura e dinâmica da família, é a escolha do procurador da curatela dela que, no caso da ausência do pai, será a irmã Cláudia ou a segunda a tia materna. Ou seja, o planejamento dos cuidados futuros implicam as mulheres da família.

Ao receber o diagnóstico de que Cíntia tinha deficiência intelectual, eu tive a primeira reação de chorar perante essa notícia, e ao mesmo tempo, além de ter que processar a situação, escutava as pessoas falando da culpa ser da mãe por isso ter acontecido [sic] (Participante Carla).

O trecho de informação acima reforça a identificação de eventos com ocorrências de estratégias focalizadas na emoção. O pai, antes mesmo de descobrir o diagnóstico de Cíntia, afastou-se da

situação no primeiro momento, quando o m edico afirmou para ele ap os o nascimento: “Ah, sua filha   anormal.” [sic] (Participante Carla). Nesse caso, o pai utilizou-se da esquiv a, como uma primeira reação. “Teve um momento em que uma profissional que era ou psicóloga, ou assistente social, que disse para eu não me culpar, porque isso acontece” [sic] (Participante Carla). O amparo emocional do profissional de saúde promoveu estrat egias de enfrentamento focalizadas no apoio social.

O ciclo vital da família 4 apresentou informações sobre o processo de aceitação parental para com o filho com deficiência, a partir de estrat egias de enfrentamento relacionadas as pr aticas religiosas e busca de apoio social. Apesar de ambos os pais serem profissionais da saúde, a reação da descoberta da deficiência gerou impactos na forma como foi transmitido o diagnóstico, com o conhecimento pr evio deles na área, e a confirmação da nova realidade. Contudo, um movimento interessante que ocorreu nesse evento, foi o suporte do marido   mãe durante o processo de aceitação e a ajuda de colegas de profissão que conheciam melhor essa nova realidade.

O ciclo vital da família 5 indicou as o nascimento do filho ainda prematuro, aos sete meses de gestação, e as complicações clínicas subseqüentes ao nascimento. Frente ao diagnóstico, que demorou três anos para ser confirmado, os pais acreditam terem sido os problemas durante o parto que provocaram a deficiência. Diante das incertezas vivenciadas antes do diagnóstico de Estevam, e na suspeita sobre uma possível deficiência de Eliana, a família buscou aprofundar os conhecimentos e as lutas por direitos das pessoas com autismo, demonstrando estrat egias de enfrentamento focalizadas no problema e na busca de apoio social.

Discussão

Este estudo objetivou identificar a estrutura e dinâmica de famílias que possuem um filho com DI. Os resultados contrib iram para a importância de se expandir a compreensão da família e as possibilidades de suporte para manejar as situações adversas. O suporte familiar, mesmo quando não haja um contato rotineiro, permite o desenvolvimento da autonomia dos membros, em especial quando há um filho com DI (Ponce, 2007). O impacto da deficiência provocou transformações nas estruturas e nas dinâmicas das famílias, que serviram de base para as estrat egias de enfrentamento.

Diante disso, Silva e Ramos (2014) abordam a importância da maneira de transmitir o diagnóstico pela equipe de saúde, que dependendo da forma como   passado, a sua repercussão na família pode auxiliar na aceitação do filho. Nessa hora   preciso transmitir amparo e conforto para os membros, já que o processo de aceitação   muito difícil (Santos & Pereira-Martins, 2016). Os dados trouxeram indícios sobre esse momento, tais como a linguagem utilizada pelo m edico, o pré-julgamento das outras pessoas e o desenvolvimento de sentimentos de culpa nas mães.

Conforme o documento norteador “Autogestão, Autodefensoria e Família”, publicado pela APAE, existe uma tendência, em muitos casos, da família nuclear se restringir   mãe, e das relações familiares passarem a ser monoparentais (Bucher-Maluschke & Parreira, 2017). Isso tende a acontecer devido o desafio da aceitação que a família passa com a chegada desse novo filho e na preocupação com as necessidades especiais que a criança irá requisitar em seu desenvolvimento. Alves e Serralha (2019) ressaltam a dificuldade da família para se adaptar as condições inesperadas, que provocam emoções

ambivalentes potenciais, no desenvolvimento de sentimentos de frustra o, estresse e sofrimento pelo estigma e pelas rea o es sociais negativas.

Consoante aos dados levantados, autores afirmam, que a mulher, no papel de mãe, irm a ou esposa para a família nuclear, ou podendo ser tia, ou av  na família extensa,   quem proporcionar  mais apoio ao filho com deficiência do que em rela o ao homem, mesmo que ele tenha o papel de pai, irmão, av  ou tio (Mendoza, et al., 2019; Namkung, et al., 2019; Ponce, 2007). Desse modo, abordam-se a importância para a família e para a pessoa com DI de manterem, além da rela o com a figura materna, rela o es e intera o es entre os outros membros da família extensa, pois todos fazem parte do ambiente familiar e todos os envolvidos exercem papel fundamental na vida do outro (Alves & Serralha, 2019).

Nesse sentido, Santos e Pereira-Martins (2016) alertam que a sobrecarga vivenciada pelas famílias nucleares provoca impactos negativos sobre a saúde e o bem-estar dos pais, em especial das mães. Resultando-se, por exemplo, em altos níveis de estresse, que posteriormente necessitarão de cuidados e de estratégias específicas para reduzir os seus efeitos na saúde. O apoio social, por meio da escola e da religião, foi uma alternativa que forneceu as famílias capacidade de desenvolver um ambiente estável, seguro e sustentável para a pessoa com DI e os seus cuidadores.

Um membro essencial no sistema familiar, e que teve uma evidência importante nesse processo, foi o irmão de desenvolvimento t pico do filho com DI. De acordo com Ponce (2007) o irmão mant m uma rela o modificada com os pais, porque atitudes discrepantes acontecem nos subsistemas filial e parental. Os irmãos com desenvolvimento t pico, das famílias participantes, demonstraram uma cobrança maior de responsabilidades e menor disponibilidade de tempo dedicada pelos pais a eles.

Nesta situa o, a rela o fraterna,   alterada e torna-se não igualitária, como   usualmente nas famílias com todos os membros de desenvolvimento t pico (Bucher-Maluschke & Parreira, 2017). O irmão, independentemente da ordem de nascimento receberá muitos encargos por parte dos pais e poderá amadurecer precocemente para ter que cuidar do irmão com deficiência, podendo ter repercussões tanto positivas quanto negativas para o funcionamento da família.

A rela o fraterna revelou características e habilidades dos irmãos de desenvolvimento t pico mais afetuosas e tolerantes, de serem pouco competitivos, e agressivos. O genograma e o ecomapa demonstraram efeitos positivos nessa rela o, como a amistosidade, empatia, altru simo, companheirismo e solidariedade. Entretanto, a literatura indica efeitos negativos nessa rela o, como depressão, ansiedade, problemas de comportamento, e dificuldade de relacionamento com os irmãos (Mandleco & Webb, 2015; Pereira-Silva, et al., 2017; Ponce, 2007). Alguns sentimentos relatados pelas famílias nessa rela o foram culpa, angústia, ciúmes, desejo de cura, prote o, vergonha, irrita o, sentimento de indiferença, solidão, raiva e sensa o de ser invisível.

A idade dos membros das famílias foi um aspecto relevante, pois influenciou na maneira que o sistema familiar organiza as suas fronteiras e a comunica o, em face as estratégias de enfrentamento. Nota-se que membros das famílias 3 e 4 possuem idade mais avançada, levando-se a crer que o diagnóstico do filho ocorreu em um período em que a expectativa de vida da pessoa com DI dificilmente ultrapassava os trinta anos (Deville, et al., 2019). Mesmo com a expansão da vida, grande parte das pessoas com deficiência, na velhice, sofrem com o estigma do passado, a falta de recursos financeiros, e a necessidade de relacionamentos sociais (Aldrige, et al., 2015).

De modo geral os pais demonstraram preocupa o e medo sobre o futuro do filho com DI. Lizasoain e Onieva (2010), investigaram as influências na família, advindas do tempo, na aceita o deste tipo de situa o inusitada. No passado, para muitas famílias, ter um membro nestas condi es era tido como uma tragédia e uma vergonha. Entretanto, com a amplia o do conhecimento sobre o diagnóstico e da transmissão de informa es, a situa o deixou de ser tão lamentável, e se tornou mais aceitável. Mesmo assim, a intolerância social frente a deficiência permanece na realidade das pessoas (Bucher-Maluschke & Parreira, 2017; Deville, et al., 2019).

Por último, observou-se que as famílias apresentaram, mediante a renda, a capacidade de manterem um elevado padrão de vida. Esta   uma limita o do estudo, pois este aspecto distancia a amostra da realidade das classes socioecon micas de um número significativo de famílias que possuem um membro com DI. Recomenda-se aos estudos futuros mapear a estrutura e dinâmica familiar em contextos de vulnerabilidades econ micas, com sensibilidade de g nero e amostras maiores.

Referências

- Aldrigue, A. S. C., Souza, F., & Santos, T. F. P. (2015). Deficiente intelectual e família: Um estudo sobre o envelhecer. *Apa  Ciência*, 2(2), 9–16. Retrieved from <http://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/75>
- Alves, C. M. P., & Serralha, C. A. (2019). Repercussões emocionais em indivíduos que possuem irmãos com deficiência: Uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 12(2). <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.05>
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Carvalho, E. N. S., & Fukuda, C. C. (2011). *A família no contexto da deficiência: Estrutura e dinâmica*. Retrieved from <https://docplayer.com.br/68294336-A-familia-no-contexto-da-deficiencia-estrutura-e-dinamica.html>
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F., & Parreira, C. M. S. F. (2017). Família e deficiência no contexto contemporâneo. In E. M. Bernardi, E. F. Neto, & J. R. Pilger (Eds.), *Documento norteador: Autogestão, autodefensoria e família: Orienta es para o trabalho com as famílias no contexto da Rede Apa *. (p. 96). Retrieved from <https://media.apaebrasil.org.br/DOCUMENTO-NORTEADOR-FAMILIA-FINAL-3.pdf>
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F., & Carvalho e Silva, J. (2018). O uso de instrumentos interventivos com crianças e adolescentes em acolhimento institucional na perspectiva bioecológica. In L. I. C. Cavalcante, C. M. C. Magalhães, L. da S. Corrêa, E. F. Costa, & D. A. Cruz (Eds.), *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: Teorias e evidências científicas para boas práticas*. (1st ed., pp. 315–324). Juruá.
- Brasil. (2018). *Estatísticas do Registro Civil*. Retrieved from https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2017_v44_informativo.pdf
- Cezar, P. K., & Smeha, L. N. (2016). Repercussões do autismo no subsistema fraterno na perspectiva de irmãos adultos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 51–60. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100006>

- Creswell, J. W. (2013). *Research design: Choosing among five approaches* (4th ed.). SAGE publications.
- Deville, J., Davies, H., Kane, R., Nelson, D., & Mansfield, P. (2019). Planning for the future: Exploring the experiences of older carers of adult children with a learning disability. *British Journal of Learning Disabilities*, 47(3), 208–214. <https://doi.org/10.1111/bld.12279>
- Floyd, F. J., Costigan, C. L., & Richardson, S. S. (2016). Sibling relationships in adolescence and early adulthood with people who have intellectual disability. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 121(5), 383–397. <https://doi.org/10.1352/1944-7558-121.5.383>
- Gant, V., & Bates, C. (2019). 'Cautiously optimistic': Older parent-carers of adults with intellectual disabilities – Responses to the Care Act 2014. *Journal of Intellectual Disabilities*, 23(3), 432–445. <https://doi.org/10.1177/1744629519870437>
- Gimenes, P. A. C., & Denari, F. E. (2019). Envelhecer com deficiência intelectual: Memórias de uma mãe sobre seu filho com deficiência intelectual. *Nucleus*, 16(1), 21–34. <https://doi.org/10.3738/1982.2278.2856>
- Glat, R. (1996). O papel da família na integração do portador de deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 1(1), 111–118. Retrieved from https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista4numero1pdf/r4_art09.pdf
- Lima, A. K. O. (2018). A importância da interação família-escola no processo de inclusão do deficiente intelectual. *Humanidades Em Perspectivas*, 4(2), 14–29. Retrieved from <https://www.uninter.com/revista-humanidades/index.php/revista-humanidades>
- Lizasoain, O., & Onieva, C. E. (2010). Un estudio sobre la fratría ante la discapacidad intelectual. *Psychosocial Intervention*, 19(1), 89–99. Retrieved from: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1132-05592010000100009
- Loureto, G. D. L., & Moreno, S. I. R. (2016). As relações fraternas no contexto do autismo: Um estudo descritivo. *Revista Psicopedagogia*, 33(102), 307–318. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300009
- Mandleco, B., & Webb, A. E. M. (2015). Sibling perceptions of living with a young person with down syndrome or autism spectrum disorder: An integrated review. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*, 20(3), 138–156. <https://doi.org/10.1111/jspn.12117>
- Matsukura, T. S., & Yamashiro, J. A. (2012). Relacionamento intergeracional, práticas de apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18(4), 647–660. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400008>
- Mendoza, M., Blake, J. J., Marchbanks, M. P., & Ragan, K. (2019). Race, gender, and disability and the risk for juvenile justice contact. *Journal of Special Education*. <https://doi.org/10.1177/0022466919845113>
- McGoldrick, M. (2012). *Genogramas: Avaliação e intervenção familiar* (3rd ed.; M. McGoldrick, R. Gerson, & S. Petry, eds.). Artmed.
- Namkung, E. H., Mitra, M., & Nicholson, J. (2019). Do disability, parenthood, and gender matter for health disparities?: A US population-based study. *Disability and Health Journal*, 12(4), 594–601. <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2019.06.001>

- Nu ez, B. (2011). *A criança com deficiência, sua família e seu professor*. Grafita.
- Pereira-Silva, N. L., Crolman, S. de R., Almeida, B. R. de, & Rooke, M. I. (2017). Relao fraternal e síndrome de down: Um estudo comparativo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 1037–1050. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000462016>
- Ponce, J. R. (2007). *Apoyando los hermanos: Tres propuestas de investigación con hermanos de personas con discapacidad intelectual*. FEAPS.
- Santos, M. A. dos, & Pereira-Martins, M. L. de P. L. (2016). Estratégias de enfrentamento adotadas por pais de crianças com deficiência intelectual. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3233–3244. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.14462016>
- Silva, C. C. B. da, & Ramos, L. Z. (2014). Reao es dos familiares frente   descoberta da deficiência dos filhos. *Cadernos de Terapia Ocupacional Da UFSCar*, 22(1), 15–23. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.003>
- Tomaz, R. V. V. (2017). Impacto da deficiência intelectual moderada na dinâmica e na qualidade de vida familiar: Um estudo clínico-qualitativo. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(11). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00096016>
- Yamashiro, J. A., & Matsukura, T. S. (2017). Relacionamentos intergeracionais em famílias de crianças com deficiência. *Revista FSA*, 14(6), 187–203. <https://doi.org/10.12819/2017.14.6.10>

Endereço para correspondência

carvalho707@gmail.com

Enviado em 10/05/2020

1^a revisão em 17/10/2021

Aceito em 08/12/2021